

# V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

## MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

### **EDUCAÇÃO, TRABALHO E FETICHE DA MERCADORIA: ASTÚCIAS DO CAPITALISMO EM TEMPOS DE FLEXIBILIZAÇÃO TOTAL**

Alex Sander da Silva

PPGE - Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

#### **Resumo**

No capitalismo a norma é o lucro, a *exceção* é a regra, o limite é a exploração e a consequência é a *totalização do mesmo*. A sua atualidade e atuação, na máxima “roupagem” e “blindagem” ideológica, põem em sustentação o mais profundo e perverso *totalitarismo* do mercado, disfarçado, sobretudo no conceito de liberdade e na máxima do *fetichismo* da mercadoria. A permanência da totalidade social capitalista eleva o potencial da *reificação*, demonstrando assim o *domínio da mercadoria* e da própria *massificação cultural*. Assim, a produção material dos indivíduos se envolve tanto numa ampliação da esfera do consumo como na deterioração da qualidade das condições do trabalho e da formação humana. E implica numa crescente manipulação do consumidor pela publicidade das empresas capitalistas nas esferas da produção e do consumo. Sobretudo, porque insiste na produção do mesmo (no sentido do sempre igual), tanto na forma de reproduzir *o capital* quanto na reprodução do fetiche da mercadoria como produto da vida social. Assim, encontramos a educação inserida numa problemática sociedade de mercados capitalistas, deliberadamente, envolvida nas tensões e afecções da arena dos conflitos e dos interesses sociais antagônicos, transformada ela mesma em mercadoria. Nesta comunicação pretende-se, de forma breve, o caminho da reflexão sobre a *Educação como mercadoria*, de modo que se possa retomar o conceito de *fetichismo*, no âmbito da própria educação. Podemos dizer que a educação se encontra no “fogo cruzado” entre a cultura e a barbárie, isto é, está ela no interior da tensão dialética da formação da consciência e transformação da realidade ou circunscrita ao jogo de dominação e da *regressão social do espírito*.

**Palavras-chave:** fetichismo, educação, trabalho

#### **Introdução**

No capitalismo a norma é o lucro, a *exceção* é a regra, o limite é a exploração e a consequência é a *totalização do mesmo*. A sua atualidade e atuação, fincada na máxima

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

“roupagem” e “blindagem” ideológica, põe em sustentação o mais profundo e perverso *totalitarismo* do mercado, disfarçado, sobretudo no conceito de liberdade e na máxima do “*fetichismo da mercadoria*”.

O tema do fetiche da mercadoria aparece na obra magna de Marx, *O Capital*, para explicar o caráter que as mercadorias possuem dentro do mercado capitalista, isto é, o de ocultar a exploração nas relações de trabalho. A produção de mercadorias na sociedade capitalista produz determinadas relações sociais, que são em geral ocultadas pelo processo daquilo que Marx considera *fetichização*. E é na produção da mercadoria e na exploração do trabalho alienado que esse fenômeno acontece.

Nesta comunicação pretende-se, de forma breve, retomar o conceito de *fetichismo da mercadoria*, para considerá-lo no âmbito da própria educação. O caminho da reflexão é adentrar na polêmica sobre o significado da *Educação como mercadoria*, e das suas conseqüências para análise do trabalho educativo. Pode-se dizer que a educação se encontra no “fogo cruzado” entre a cultura e a barbárie, isto é, está ela no interior da tensão dialética da formação da consciência e transformação da realidade ou circunscrita ao jogo de dominação e da *regressão social do espírito*.

Retoma-se inicialmente o conceito de fetiche da mercadoria em Marx, apontando que o capitalismo, demonstra cada vez mais sua perversidade e dominação. Em seguida, analisa-se a permanência da totalidade social capitalista que eleva o potencial da *reifificação*, no *domínio da mercadoria* e da própria *massificação cultural*. Por fim, aponta-se a educação envolvida nas tensões e afecções da arena dos conflitos e dos interesses sociais antagônicos, transformada ela mesma em mercadoria.

#### **Marx e o fetichismo da mercadoria**

Karl Marx (1818-1883), na obra *O Capital*, ao tratar sobre o caráter “misterioso da mercadoria”, cunha o conceito de *fetichismo da mercadoria*, sob o ponto de vista da sua teoria do valor. A produção de mercadorias sedimentadas nas relações de dominação de quem detém os meios de produção, na visão de Marx, tornam-se “fantasmagórica” na medida em que ocultam as características da própria relação de

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

trabalho. E isso se deve ao fato de que a mercadoria possui um duplo sentido de valor: um de uso e outro de troca.

Segundo Marx, o fetiche não provém do valor de uso, pois nesse aspecto, a mercadoria seria apenas para utilidade própria do gênero humano, dependendo apenas do seu esforço. Como valor de uso, é possível também distinguir o tempo de trabalho que a mercadoria exigiu para ser produzida. E de acordo com Marx, desde que “os homens trabalhem uns para os outros, adquire o trabalho uma forma social” (1992, p.160).

E é na forma social de mercadoria, isto é, na atribuição de valor de troca, que provém o fetichismo. O valor de troca é uma relação quantitativa de troca de valores de usos diferentes que abstrai o próprio valor de uso. Abstração essa que ocasiona uma camuflagem no modo operacional das relações de produção, pois se vê menos a complexidade do que a simplificação do processo de produção e de consumo das mercadorias. Como sentencia Marx, “o fetichismo do mundo das mercadorias decorre do caráter social próprio do trabalho que produz a própria mercadoria” (MARX, 1992, p.161).

Marx chama de fetichismo a caráter misterioso que o produto do trabalho apresenta no capitalismo, que tem uma proximidade ao caráter obscuro e religioso, isto é, “cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas” (MARX, 1992, p.159). O fetichismo é o que faz as mercadorias um ente de vida própria, comandando o modo de produção, no domínio dos aspectos da própria vida dos seres humanos e do planeta.

Como nos explica Antunes (2006, p. 212),

Com o fetiche da mercadoria, do dinheiro e, especialmente, do salário, o mundo real, e não apenas a consciência que os homens (*e mulheres*) tomam deste mundo, é desfigurado e posto de cabeça pra baixo. A consciência dos homens (e mulheres) não se põe ela própria da cabeça para baixo, ante ao contrário, é o mundo desfigurado e posto de cabeça para baixo pelo fetiche que deforma e inverte a consciência humana [...] é o mundo mágico e enfeitado do mercado, do dinheiro e da produção de

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

mercadorias que enfeitiça e engana o homem (*e a mulher*) [...].  
A abolição do fetiche pressupõe, por isso, a abolição da  
produção baseada no capital. (Grifos meus).

De saída deve-se lembrar que, para Marx, a sociedade que superdesenvolveu as forças produtivas tornou cada vez mais o “primado da economia” o centro. Isto é, a centralidade do trabalho que produz mercadorias, tornou o trabalho em mediações sociais cegas, transformando-o numa condição totalmente hegemônica e anacrônica sob o domínio do capital. Em síntese, podemos dizer que a mercadoria *como produto do capital* implicou na *materialização do fetiche* da produção social da vida.

A produção de mercadorias na sociedade capitalista produz determinadas relações sociais, que são em geral ocultadas pelo processo de *fetichização*. Isto confirma os prognósticos marxianos: *tal sociedade já não tem mais Grund – fundamento, razão de ser* (DUARTE, 2005). As formas que convertem os produtos do trabalho em mercadorias e seu fetiche constituem a forma de circulação das próprias mercadorias, e esta possui uma consistência peculiar, por assim dizer, na produção da vida social no capitalismo.

Na relação da produção capitalista, o valor das mercadorias se mostra reificado (isto é, objetivado), visto como algo inerente a elas, sendo que decorre do trabalho humano, do “fiar” de um indivíduo membro do grande corpo produtivo. A partir daí, podemos delinear melhor a percepção de Marx sobre o fetichismo, acerca das

(...) relações humanas por trás das relações entre as coisas, revelando a ilusão da consciência humana que se origina da economia mercantil e atribui às coisas características que têm sua origem nas relações sociais entre as pessoas no processo de produção (RUBIN, 1980, p.19, grifo nosso).

Nota-se que, dessa forma, tal ilusão pode, por exemplo, enxergar os valores como uma propriedade natural das coisas. Para Marx, um perigosíssimo devaneio, pois afasta a noção do trabalho humano incorporado ao valor. Esse acréscimo do trabalho no valor traz a lume a idéia da mais-valia, ou seja, a discrepância entre a quantidade de riqueza que o trabalhador acresce à produção e aquela que ele recebe.

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

A taxa de mais-valia acaba por representar o resultado da exploração capitalista sobre o trabalho alienado do próprio proletário. O capitalista compra a força de trabalho do trabalhador e lhe paga determinada quantia, relativa à dada quantidade de horas. Evidentemente, o salário pago é incorporado ao preço final da mercadoria. O que se observa, no entanto, é que nada impede que o trabalhador exceda as horas que lhe são pagas, conseqüentemente incorporando mais valor à mercadoria e nem por isso sendo remunerado de maneira proporcional.

Ao capitalista, é reservada uma maior fatia de lucro, oriunda da exploração. É o chamado “sobretabalho”, oportunamente desenvolvido por Marx em sua obra "Salário Preço e Lucro". Conforme pelas próprias palavras de Marx (1982, p.83),

A taxa de mais-valia dependerá, se todas as outras circunstâncias permanecerem invariáveis, da proporção existente entre a parte da jornada que o operário tem que trabalhar para reproduzir o valor da força de trabalho e o sobretabalho ou sobretabalho realizado para o capitalista. Dependerá, por isso, da proporção em que a jornada de trabalho se prolongue além do tempo durante o qual o operário, com o seu trabalho, se limita a reproduzir o valor de sua força de trabalho ou a repor o seu salário.

A partir disso, não restam dúvidas de que a produção da mais-valia desfigura o trabalho humano e consiste numa conveniente base à produção e exploração capitalista. Ao admitirmos que o capitalismo mantenha sua totalização e a maioria explorada sob o domínio de um *espírito alienado*, podemos dizer que ele mantém a todos reféns do próprio fetichismo da mercadoria, sob domínio da massificação do próprio capitalismo.

#### **Predomínio da totalização capitalista e da reificação da consciência**

Se, estamos vivenciando um *mal-estar* da crise *civilizatória*<sup>1</sup>, nos descaminhos do processo produtivo e da formação humana, particularmente, nos aspectos de um predomínio da dominação da mais-valia. Se ainda, presenciemos fortemente alguns

---

<sup>1</sup> Ver: Freud, Sigmund. *Mal-estar na civilização*. Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. RJ: Imago Editora, 1974.

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

sintomas dos desajustes da consciência, podemos manter a suspeita que seja porque mantemos um vínculo muito estreito com as mazelas do *fetichismo* da mercadoria.

O capitalismo, com sua produção social de mercadorias e com sua “roupagem ideológica”, demonstram cada vez mais sua perversidade e totalitarismo sobre as consciências dos indivíduos. Insistindo na “produção do mesmo”, na sua forma de reproduzir *o capital*, a produção do fetiche da mercadoria torna-se subproduto da vida social. E ao compreendermos a subprodução da vida social, e como o capitalismo tem-se conservado, podemos dizer que ele mantém refém a todos a sua ideologia.

E ao admitirmos que o capitalismo mantenha a maioria explorada nesta ideologia, isso é sinal de que tal maioria total está refém da própria *reificação*, ou do que poderíamos chamar de *totalização social integradora*<sup>2</sup>. Nesse sentido, as relações de trabalho e de produção da cultura expressa a totalização desta totalização. Sendo assim, expressa o mais radical da *miséria* da sociedade.

Esse processo está intimamente vinculado ao crescente interesse de mercantilização de todos os âmbitos da vida humana. Tudo se transforma em mercadoria, produzida material e socialmente na forma de valor de troca. As ações humanas, nesse sistema, correspondem, elas mesmas, apenas às expectativas e aos interesses do mundo produtivo da mais-valia. Desse modo, parece-nos ser cada vez mais clara, a idéia de que vivemos um crescente desajuste das funções políticas, econômicas e sociais.

O elevado grau de competitividade mercantil, a desregulamentação do Estado, entre outros desajustes, assola os principais setores sociais. Notícias sobre uma crise estatal circulam por todos os lados e se mostram em todos os lugares. Não apenas nos jornais impressos e televisivos, nas rádios e na Internet, a ofensiva do capital mira os mais diversos mecanismos de formação da consciência.

Toda a preocupação das políticas do sistema está em convencer os indivíduos de que os desajustes sociais são conseqüências naturais do mercado. Todavia, todos esses

---

<sup>2</sup> Ver maior detalhe em: Maar, Wolfgang Leo. *Adorno, Semiformação e Educação*. In: Revista Educação e Sociedade, v.24, n. 83, p.459-476, agosto de 2003.

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

desajustes, com maior ou menor grau, expressam processos de crises do próprio capitalismo<sup>3</sup>. A crise não é uma invenção ou exclusividade do capitalismo, no entanto, a diferença é que as crises das sociedades capitalistas sempre estão relacionadas aos fatores da superprodução e da superexploração do capital sobre o trabalho.

Na sociedade regida pela lógica da produção e do consumo, a realização do trabalho é sua objetificação, ou seja, o sujeito transformador e a natureza a ser transformada são reificados ou “coisificados”. Tudo e todos se tornam “coisas”. É nesse sentido que a realização do trabalho é a negação do ser humano, tanto em sua universalidade quanto em sua singularidade. No trabalho, não do trabalhador o *telos* da atividade, não é dele a matéria trabalhada e nem o produto.

A alienação é um dos fatores que promove a desfiguração do trabalho, tornando-se o algoz da condição humana na sociedade capitalista. Com o advento do capitalismo, o trabalhador é separado dos meios de produção, é espectador da detenção privada dos meios de produção. De fato, “ele fiou e o produto é um fio”, mas ele não se reconhece nos produtos a que “dá vida”.

Nesse aspecto, o trabalhador aliena-se do trabalho, logo, perde sua essência humana e delega para outrem o poder de comandar a sociedade e a sua própria vida. O trabalhador perde o trabalho, o saber e, conseqüentemente, submete-se ao poder pernicioso do capitalismo. Essa progressiva e assustadora incorporação do trabalhador aos sustentáculos da produção de mercadorias torna-se um dos pilares da *reificação* das relações sociais.

Nesse particular, a alienação é a expressão de uma inversão que ocorre no relacionamento do ser humano com ele mesmo. Essa inversão refere-se à relação com o produto, sobretudo, porque insiste na produção do mesmo (no sentido do sempre igual). Isso implica numa crescente manipulação do trabalhador pela publicidade das empresas capitalistas nas esferas da produção e do consumo. Tanto na forma de reproduzir o

---

<sup>3</sup> Interessante artigo de Yoshiaki Nakano que análise a crise financeira no mercado capitalista em 2007. Texto: *As raízes da atual crise financeira*. In: <http://clipping.planejamento.gov.br/noticias.asp?NOTCod=377790>. Acesso dia 01 de maio de 2008.

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

*capital* quanto na reprodução do próprio fetiche, o consumo torna-se uma deterioração potencial da qualidade da consciência humana.

A forma que o capital converte os produtos culturais em mercadorias e em seu fetiche, também constitui a própria produção de uma *massificação ideológica do consumismo*.<sup>4</sup> Nesse particular, a dinâmica social envolve tanto uma ampliação da esfera da produção incontrolável, quanto à manipulação das necessidades e desejos do consumidor.

No texto *Capitalismo tardio ou sociedade industrial?* (1994), Adorno considera que no “Capitalismo tardio” as relações de produção se revelam mais elásticas do que Marx imaginara. É sob esta perspectiva que os mecanismos permitem a permanência extemporânea da ideologia da produtividade e alienação máxima dos indivíduos. Alienação é esse fenômeno que viabiliza a permanência do capitalismo, num contexto em que na sua irracionalidade – algo que se demonstra na desproporção, na superfluidade e no desperdício – suas contradições tornam-se expostas.

Para Adorno, a inexistência de uma consciência de classe, o declínio da participação do trabalho vivo nas atividades industriais “só de um modo muito forçado e arbitrário são ainda interpretáveis sem utilizar o conceito-chave ‘capitalismo’. A dominação sobre seres humanos continua a ser exercida através do processo econômico” (ADORNO, 1994, p. 67).

O resultado desse triunfo da lógica da produção e do consumo é a criação de uma aparência “de que o [...] o ideal seria a plena ocupação e não o interesse em libertar-se do trabalho heterônomo” (ADORNO, 1994, p. 69). Não insistiremos nesse

---

<sup>4</sup> O mercado atual vive das novas tendências dos produtos culturais. Muitas vezes somos como que impelidos pelas propagandas, pelas mensagens subliminares que fazem de tudo para nos induzir ao consumo. Aqui tem força o conceito de “Indústria cultural” cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Ver: *A indústria cultural como mistificação das massas*. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

debate, mas é preciso notar que as razões da permanência da alienação são numerosas e podem ser procuradas no esfacelamento dos indivíduos no próprio capitalismo.

#### **Educação como mercadoria: continuação do fetichismo**

A reflexão sobre a *Educação* e a possibilidade de tematizá-la sob imperativo da *mercadoria* nos remete ao paradoxo da criação, produção e difusão da cultura propriamente dita. Encontramos a educação inserida numa problemática sociedade de mercados capitalistas, deliberadamente, assim, nas tensões e afecções da arena dos conflitos e dos interesses sociais antagônicos, transformada ela mesma em mercadoria.

Nesse sentido, a educação por mais tematizada que ela seja sempre expressa algo da exploração capitalista e do seu domínio sobre os indivíduos. Esse processo está intimamente vinculado ao crescente interesse de mercantilização dos processos educacionais, produzido material e socialmente na forma de mercadoria no capitalismo, correspondendo ele mesmo às expectativas e aos interesses do mundo produtivo de mercadorias.

Por um lado, ampliam-se os números de resoluções, leis, pareceres e inúmeros outros documentos nacionais e internacionais operando um verdadeiro “transformismo” na educação contemporânea. A *publicização* imperativa insiste na centralidade da *educação do futuro*<sup>5</sup>, capaz de formar indivíduos felizes e capazes de atuar nesse mundo.

Por outro lado, embora se aumente à oferta de matrículas, se mantém um grande índice de evasão escolar, segue-se caótico os índices e as práticas formativas escolares e os sistemas de ensino padecem de um enorme centralismo e verticalização. A educação segue como alvo de uma política de *desregulamentação* do Estado e de interesses mercadológicos em seu funcionamento.

---

<sup>5</sup> Ver, de modo particular, Delors, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

Conforme Maria Célia Marcondes Moraes documentos de organismos multilaterais, como o Banco Mundial, UNESCO, CEPAL, de mercados regionais, como o MERCOSUL e a União Européia, ou os de governos nacionais, são unânimes em assegurar a centralidade da educação – e, sobretudo a chamada educação básica – nas atuais circunstâncias econômicas e políticas. Com mais ou menos transparência duas razões justificam tal centralidade.

Em primeiro lugar, porque a educação, ela própria, tornou-se mercadoria mediante a introdução de mecanismos de mercado no financiamento e gerenciamento das práticas educacionais. Um produto a mais entre os muitos a serem consumidos. Em segundo, porque a ela é atribuída a função de formar a força de trabalho com as “competências” necessárias para atender ao mercado (MORAES, 2001, p.9).

Os destinos da educação, desse modo, parecem estar diretamente articulados às demandas de um mercado insaciável e da sociedade dita do “conhecimento”. Como decorrência, os sistemas educacionais dos vários países sofrem pressões para construir ou consolidar escolas mais eficientes e aptas a preparar as novas gerações e, além da atualização do sistema escolar, cria-se mecanismos para regulação e controle de uma educação *falsamente* continuada.

Além de uma crescente política de *privatização* da educação, os processos institucionais e pedagógicos são submetidos cada vez mais aos processos empresariais de organização – mais qualidade com menos custos – essa é a lógica do sistema. Conforme Shiroma, Moraes e Evangelista (2002, p.114-116), os ditos “reformadores da educação”, alegam preocupação quanto ao desempenho e eficiência da educação, propõem modelos que recomendam aos governos uma articulação entre *público-privado*, as quais revelam o caráter privatista das reformas educacionais, que impõe a lógica do mercado ao setor educativo.

Essa lógica privada na administração do ensino expressa a busca da *eficiência* e da *produtividade* (ibidem, p.118). Nesse sentido, o problema do fetichismo não termina com a revelação do social, em sua objetivação petrificada, mas conduz à necessidade de decifrar as determinações *subjetivas* desse social (pela base), pela qual, a própria

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

produção, como subjetividade, seria determinada na lógica do fetiche, de modo que, se preserve a continuidade do vigente, na medida em que lhe corresponderia *uma determinada* consciência alienada.

No dizer de Pedro Goergen, o ensino, nesse sistema, será tanto mais valorizado quanto mais efetivamente contribuir para a performatividade sistêmica através da formação das competências exigidas:

Na sua versão periférica, este modelo promete enfrentar os desafios da educação com medidas, sob muitos ângulos suspeitas, como a privatização do ensino, o incremento ao tecnicismo, a integração social pelo enaltecimento da racionalidade científico-técnica. Mesmo atentos à inutilidade do discurso romântico que teima em desconhecer os sérios problemas de financiamento da educação e o poder quase irresistível da lógica científico-tecnológica, é necessário submeter às soluções neoliberais a uma revisão crítica precisamente a partir do papel do ser humano enquanto sujeito de seu pensar e agir. Rentabilidade e funcionalidade são critérios que não podem ser aplicados ao modelo social a despeito de quaisquer efeitos para o ser humano (Goergen, 1996, p.24).

Em síntese, podemos dizer que a mercadoria *como produto do capital*, implica a *materialização* da produção social da vida. Nesse sentido, a educação como mercadoria não é mais uma simples retórica ideológica. Mas passa a atuar como um divisor de águas entre os processos de adequação as “novas demandas sociais” do capitalismo avançado e a própria cultura. Assume o papel também de personificação de seus fundamentos materiais, caracterizando uma subserviência aos ditames da produção capitalista.

O tipo de desempenho exigido dos indivíduos para se adequarem ao processo produtivo tem consequências diretas para o modo como pensam, percebem e se relacionam com o mundo e com seus semelhantes. As condições objetivas e subjetivas débeis impedem que os grupos sociais desprivilegiados cultural e economicamente construam consciência crítica e livre.

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

As pretensões formativas da educação como mercadoria corroboram com esse estado de coisas. Nesse sentido, ao invés de preparar os indivíduos para exercerem um papel de sujeito na sociedade, a educação tem reforçado sua condição de submissão e obediência, de objeto servil dos agentes encarregados da reprodução do *ethos* capitalista. Destarte, enquanto espaço institucional, a educação tem se constituído em *locus* privilegiado para a proliferação do *fetichismo* das consciências adormecidas.

Aqueles que possuem como único meio de formação os canais e instâncias mediadores controlados pelos divulgadores do pensar dominante, encontra facilidade de se autoenganar pelos ditames da ordem estabelecida. Essa massa de educandos, com as consciências definhadas e deformadas, não conseguem perceber os arcanos ocultados pelos produtos culturais, que portam, em seu bojo, a ideologia dos grupos dirigentes (Aqui poderíamos falar da sedução imposta aos jovens da classe trabalhadora dos celulares da última moda, ipad, iphones, só para citar os utensílios eletrônicos).

A educação, por encontrar-se inserida em uma configuração social danificada, não tem permitido a autonomia dos indivíduos. Ela tem cumprido, no capitalismo, uma tarefa basilar para a dominação dos indivíduos: desviar a atenção do manifesto segredo ideológico. Segredo esse o qual as massas nem desconfiam, mas que é vital para que a dominação permaneça inalterada.

Todavia a ruptura com a obsolência social do fetichismo da própria educação como mercadoria, passa pela compreensão dos mecanismos da produção cultural no próprio capitalismo. Isso significa reorientar os conceitos *formativos* da educação contemporânea. Disso depende da compreensão dos aspectos da tensão dialética do conceito educativo, em seus fatores de resistência e crítica.

### **Considerações finais**

O tema do *fetichismo* da mercadoria, oriunda do processo valorativo da produção capitalista analisado por Karl Marx. Assim, a análise marxiana do fetichismo

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

e o modelo derivado de sua teoria da produção, são muito profícuos à crítica a educação como mercadoria. E nos deparando com uma série de problemas relacionados à educação, podemos compreender que eles não estão desarticulados com as problemáticas nada circunstanciais do capitalismo avançado.

A função social da educação (de modo particular, a escola), só se explicita na medida em que se desenvolve a perspectiva de sua apreensão em seu duplo caráter material. Nesse sentido, o que se observa, de um lado, atualmente no Brasil é a progressiva redução do entendimento dos impasses das políticas educacionais. Por outro lado, as pseudo-soluções, aparentemente desconexas, que estão organicamente articuladas como peças de uma engrenagem social contaminada pelas relações de mercados capitalistas.

O que se quer realçar do exposto é que a luta pela defesa da educação, contra seu caráter mercadológico, é uma necessidade efetiva para uma nova estratégia social. Esta perspectiva sinaliza os dilemas e conflitos face ao substancial da educação da classe trabalhadora. A via de acesso a tal substancial é o reconhecimento do processo de reprodução das relações materiais vigentes e de resistência a ele.

Retomando Adorno, isso corresponderia para ele ao caráter duplo da própria cultura. No seu dizer:

O duplo caráter da cultura nasce do antagonismo social não-conciliado que a cultura quer resolver, mas que demanda um poder, que, como simples cultura, não possui. Esse desejado equilíbrio é momentâneo, transitório. Na hipóstase do espírito, mediante a cultura, a reflexão glorifica a separação social colocada entre o trabalho do corpo e o trabalho do espírito. A antiga injustiça quer justificar-se como superioridade objetiva do princípio da dominação, o que apenas demonstra que esta ação sobre os dominados é que mantém e reitera tais relações. Mas a adaptação é, de modo imediato, o esquema da dominação progressiva. O sujeito só se torna capaz de submeter o existente por algo que se acomode à natureza, que demonstre uma autolimitação frente ao existente. Essa acomodação persiste sobre as pulsões humanas como um processo social, o que

## V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

### MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

inclui o processo vital da sociedade como um todo (Adorno, 1996, p.390-391).

Nesse particular, a formação cultural (de modo particular a educação) seria impotente e enganosa se ignorasse sua dimensão de adaptação e não preparasse os seres humanos para a realidade social existente. Contudo, torna-se necessário compreender a educação também no caminho *da resistência e da práxis utópica*.

#### Referências

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**/trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoria da Semicultura. Trad. Newton Ramos de Oliveira com colaboração de Bruno Pucci e Cláudia Moura Abreu. In: **Educação e Sociedade**, Campinas: editora Papirus, ano VXII, dezembro, 1996.

\_\_\_\_\_. Capitalismo tardio ou sociedade industrial? In: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1994 (Grandes cientistas sociais, 54)..

ANTUNES, Jadir O fetiche forma-salário. In: Souza, Elaine C. de; Craia, Eladio C. **Ressonâncias filosóficas: entre o pensamento e ação**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006.

BOTTOMORE, Tom. (org.) **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

COSTA, Áurea; NETO, Edgard; SOUZA, Gilberto. **A proletarização do professor: neoliberalismo na educação**. São Paulo: Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2009.

DUARTE, Cláudio. *Auschwitz* após educação: desdobramentos da crítica ao fetichismo das relações sociais em Adorno. In: [http://militante-imaginario.blogspot.com/2005\\_06\\_16\\_archive.html](http://militante-imaginario.blogspot.com/2005_06_16_archive.html).

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILI, Pablo A.A.; SILVA, Tomaz T. da.(orgs.)

V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO

MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

11, 12, 13 E 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC - Brasil

**Neoliberalismo, qualidade total e educação:** visões críticas. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOERGEN, Pedro L. A crítica da modernidade e a educação. Revista **Pro-posições**, vol.7, nº2(20), p.5-28, julho de 1996.

MARX, Karl. **Sociologia**. Organizador. Otavio Ianni. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os Economistas).

MORAES, Maria C. M. Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação. **Revista Portuguesa de Educação**, ano/vol. 14, nº001, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2001 – pp.7-25.

PUCCI, Bruno (org.) **Teoria crítica e educação:** a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ; Vozes; São Carlos: EDUFSCar, 1994.

RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SHIROMA, Eneida O.; MORAES, Maria C. M.; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro, 2ªed. DP&A, 2002.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1983.